Nau Literária
crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
http://seer.ufrgs.br/NauLiterária

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

MACIEL, Maria Esther. *Pequena enciclopédia de seres comuns*. Ilustrações: Julia Panadés. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2021.112 p.

Zooliteratura e poética em Maria Esther Maciel

Marina Bonatto Malka[1]

Com o passar do tempo, as enciclopédias entraram em desuso, considerando que o acesso à informação está a um clicar de botão com o advento da *internet*. Indo na contramão, o livro *Pequena enciclopédia de seres comuns* (2021), de Maria Esther **Maciel**, com ilustrações de Julia Panadés e publicado pela editora Todavia, como diz no título, recupera o uso da enciclopédia como fonte de saber científico com pitadas de liberdade poética. A escritora afirma que a enciclopédia foi um projeto recuperado na pandemia do novo coronavírus e faz parte de seus estudos que relacionam animais e literatura. Na introdução do livro, conhecemos mais a relação da autora com a biologia: "Foi escrito por uma bióloga que não é bióloga, mas finge ser uma, a medida do impossível" (p. 3).

Maria Esther é escritora e professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UFMG que se dedica aos estudos de zooliteratura, unindo as duas áreas de seu interesse em sua produção literária. Essa não é sua primeira obra sobre literatura e mundo animal, pois já publicou os livros *Literatura e Animalidade* (2016) e *Pensar/escrever o animal: Ensaios de zoopoética e biopolítica* (2011), entre outros. O formato de catálogo já foi utilizado pela autora em O *Livro dos Nomes* (2008), obra em que organiza personagens da literatura no molde de dicionário de nomes, analisando cada um deles e criando novas etimologias, crenças

[1] Mestranda em Estudos de Literatura da UFRGS, da linha de pesquisa Literatura, Sociedade e História da Literatura.

e desdobramentos literários. Maria Esther elabora a literatura contemporânea em outros gêneros textuais pouco convencionais, proporcionando ao leitor a sensação que a arte literária não está presa nos formatos clássicos como poema, romance, conto e teatro.

Temática presente em *Pequena enciclopédia de seres comuns* é da zooliteratura ou a literatura e a animalidade, a partir da sondagem dos traços comportamentais dos bichos e plantas de várias espécies através do antropomorfismo. A relação do homem com os animais ainda é calcada na crença da superioridade do primeiro pelo segundo, pois o humano possuiria linguagem, pensamento, sensação e alma, e o não-humano contaria apenas com seu instinto. O animal coloca em questão os pensamentos humanistas, exige a desconstrução do olhar humano pela natureza e torna impossível sua compreensão completa. Existe uma tradição de obras que tematizam os animais de forma poética, que podem ou não aliar os estudos classificatórios e científicos com a arte poética. O livro *História dos Animais* de Aristóteles apresenta um caráter duplo do científico e do ficcional, abordando o comportamento dos bichos a partir da observação, as relações entre eles (como "amizade" ou "inimizade") e a inclusão de seres ficcionais (como o dragão). As fábulas moralizantes de Esopo e de La Fontaine são ótimos exemplos de antropomorfismo, pois protagonizam animais que sofrem consequências de seus atos humanos. Além disso, é necessário pontuar o gênero bestiário na literatura da Idade Média que relaciona as observações empíricas com as crenças religiosas cristãs. A zooliteratura nos escritos dos colonizadores na descrição da fauna e da flora das terras inexploradas é feita de maneira exótica e fantástica, até mesmo porque eles tinham conhecimento taxonômico bastante limitado. A partir do século XX, aumenta o número de escritores interessados pela zooliteratura, no Brasil e no exterior, sendo pontuados aqui apenas alguns livros da extensa produção literária. Um dos mais conhecidos, a obra *A Metamorfose* (1915) de Franz Kakfa, o protagonista Gregor Samsa acorda em forma de um

inseto e está mais preocupado em ter faltado o trabalho, violando a dignidade do empregado. Jorge Luis Borges em seu *Manual de Zoologia Fantástica* (1957) afirma que há dois tipos de zoologias: a dos sonhos e a da realidade. No Brasil, João Guimarães Rosa é um dos maiores animalistas de nossa literatura, retratando o ambiente do sertão e a relação do homem com os animais que vivem nele. Graciliano Ramos em *Vidas Secas* (1938) dá mais características civilizatórias à cadela Baleia do que aos personagens humanos marginalizados socialmente.

O livro de Maria Esther contém 76 verbetes do mundo vegetal e animal, e é dividido em cinco capítulos: Marias, Joões, Viúvas e Viuvinhas, Híbridos e Et Cetera. O Et Cetera é um capítulo em aberto, pois "[...] essa categoria inclassificável que contém aquilo que falta, sobra ou ainda não foi classificado" (p. 109). É curioso como essas classificações (Marias, Joões, Viúvas e Viuvinhas) se repetem no mundo não-humano, reveladas pelo compilado por capítulos da autora. Cada animal ou planta é acompanhado de seu nome cientifico (por exemplo: Maria-barulhenta *euscarthmus meloryphus*) e possui uma definição nada convencional, que os humaniza, com características como a possibilidade de dançar, e com sentimentos como a inveja. Um exemplo de antropomorfismo pode ser visto na planta Maria-sem-vergonha que contém um desejo de estar presente em todos os caminhos e "em certas noites, porém, ela gosta de ficar sozinha" (p. 30), sendo que o verbo "gostar" proporciona desejo à planta, humanizando-a.

Outra característica interessante da obra é que todas as definições possuem ilustrações verossímeis dos animais e das plantas feita por Julia Panadés, evidenciando o caráter enciclopédico e didático. Em relação ao foco narrativo, há dois tipos de narradores: em terceira e em primeira pessoa. Em terceira pessoa oscila entre a narração científica, como no exemplo: "Alimenta-se (Maria-barulhenta) de insetos que captura nas folhagens ao rés do solo" (p. 15); e entre a narração mais poética e antropomorfizada: "Essa Maria (Maria-gorda)

não se importa quando dizem que está obesa, pois sabe que sua beleza é farta" (p. 24). Já a narração em primeira pessoa, que surge seis vezes na obra, está atrelada a comentários ou causos de uma pesquisadora curiosa: "Outro dia, li que ele (João-bêbado) possui uma tendência a se esconder sob as pedras na tarde de domingo. Depois, volta para a noite, com o olhar bêbado, oblíquo" (p. 39).

Em diversos momentos, há uma crítica à poluição e à devastação do meio ambiente, prejudiciais aos animais, às plantas e também aos seres humanos, sendo que os últimos são os que causam essa destruição. A condenação ao homem branco explorador e a exaltação do indígena protetor da natureza também aparecem: "Esse joão ainda existe porque os índios da Amazônia o protegem em suas terras, embora estas também estejam sendo invadidas" (p. 41).

Pequena enciclopédia de seres comuns incorpora, de modo intertextual, a cultura popular brasileira. Primeira, ao cantor e compositor baiano João Gilberto e sua canção "Desafinado" (1961) com o pássaro João-baiano: "Seu canto contínuo e repetido parece, às vezes, desafinado, mas não compromete em nada seu charme" (p. 37). Na canção, o sujeito lírico pede desculpas por ser desafinado e culpa o novo gênero nacional desenvolvimentista chamado bossa nova, um samba reelaborado: "Se você insiste em classificar/ Meu comportamento de antimusical/ Eu mesmo mentindo devo argumentar/ Que isto é bossa nova, que isto é muito natural".

Também é mencionado um personagem famoso do escritor paraibano Ariano Suassuna, João Grilo, da peça *O Auto da Compadecida* (1955) comparado ao pássaro homônimo: "Por ser um pássaro esperto e traquinas, seu nome foi dado a um personagem humano de Ariano Suassuna" (p. 50). O pícaro João Grilo é tradicional na literatura de cordel, possui como fiel escudeiro e amigo Chicó e tem características ladinas. Fez sucesso com a adaptação da peça ao cinema, com o título *O Auto da Compadecida* (2000), dirigido por Guel

Arraes e protagonizado por Matheus Nachtergaele no papel de João Grilo, e Selton Mello no de Chicó.

Também intertextual é a relação do Morcego Beija-flor com Nosferatu: "Embora seja noturno, não gosta de sangue, nem considera Nosferatu um aliado" (p. 91). Pode se tratar de uma relação com o filme alemão *Nosferatu* (1922) ou com uma forma mais elegante de abordar a figura do vampiro. Ironicamente, o Morcego Beija-flor de nada se assemelha ao vampiro, já que é caracterizado como gracioso, devido ao seu hibridismo, uma mistura de morcego e beija-flor.

Ela também faz uma autorreferência com a definição de Viuvinha-humana, "homo sapiens viuvensis", criando um termo em latim para dar a condição de viuvez à autora: "[...] o trabalho foi sua forma de recusa ao tédio inapelável dos dias. Sei, ainda, daquela que (para conter a melancolia) se rendeu às vertigens da escrita" (p. 66). Além disso, conta com a ilustração de Maria Esther escrevendo. Na definição da Viuvinha-humana, a escrita literária e a escuta de Bach auxiliam no enfrentamento de seu luto diário. A autora, ou melhor, a Viuvinha-humana, se coloca no mesmo nível de animais e plantas na condição de ser classificável, rompendo com o discurso de superioridade entre humanos e não-humanos.

O livro de Maria Esther Maciel transborda respeito pelo não-humano, exalta a exuberância e a complexidade da flora e da fauna e defende a conservação da natureza. Se o ser humano respeita apenas a si próprio, então Maria Esther humaniza o não-humano para que ele também ganhe respeito.